

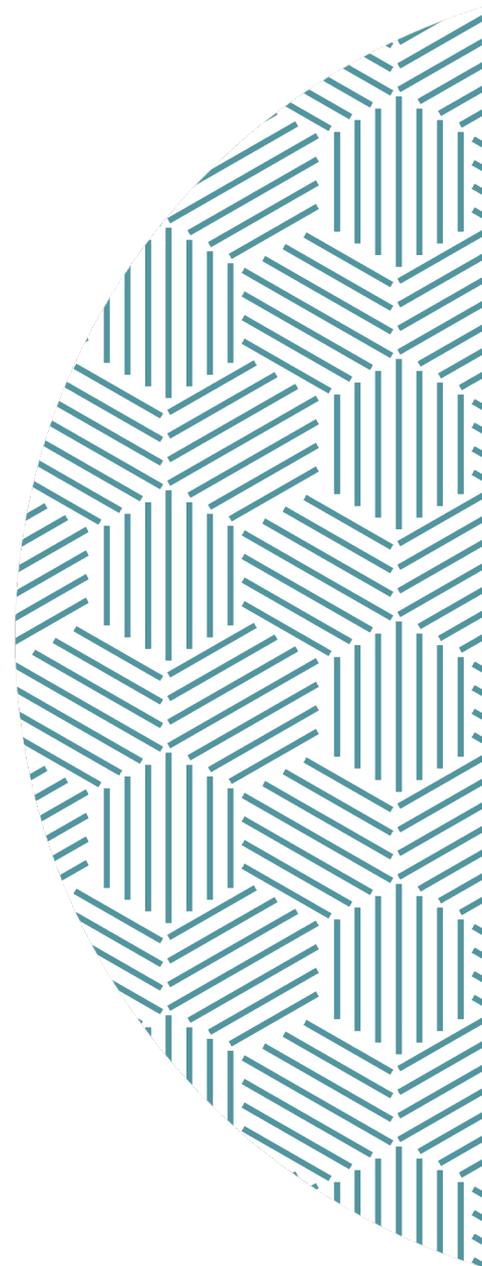
Caminhar perguntando: a “pedagogia integral” zapatista

Maria Fernanda Vomero

Doutora em Artes Cênicas (ECA-USP).

E-mail: mafevomero@gmail.com

ORCID: orcid.org/0000-0002-9605-4518



Resumo

Em *Um mundo onde caibam muitos mundos*: educação descolonizadora e revolução zapatista, a antropóloga e educadora popular Ana Paula Morel relata suas experiências com comunidades zapatistas a fim de refletir sobre os princípios da educação autônoma. Na concepção zapatista, que se sustenta nos saberes e nas práticas indígenas maya, tudo está em relação: o aprendizado da língua, a lida com a terra e a escuta de todas as formas de vida.

Palavras-chave: movimento zapatista; educação autônoma; luta indígena; imaginação conceitual; cosmopolítica.

Abstract

In *Um mundo onde caibam muitos mundos*: educação descolonizadora e revolução zapatista, anthropologist and popular educator Ana Paula Morel recounts her experiences with Zapatista communities to reflect on the principles of autonomous education. In the Zapatista conception, which is based on Mayan indigenous knowledge and practices, everything is connected: learning the language, working the land, and listening to all forms of life.

Keywords: Zapatista movement; autonomous education; indigenous struggle; conceptual imagination; cosmopolitics.

Resumen

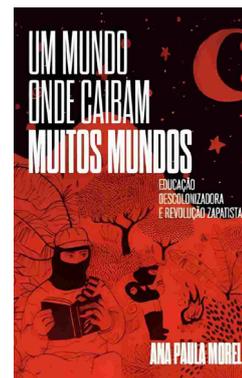
En *Um mundo onde caibam muitos mundos*: educação descolonizadora e revolução zapatista, la antropóloga y educadora popular Ana Paula Morel relata sus experiencias con comunidades zapatistas a fin de reflexionar sobre los principios de la educación autónoma. En la concepción zapatista, que se basa en conocimientos y prácticas indígenas mayas, todo está relacionado: aprender la lengua, tratar la tierra y escuchar todas las formas de vida.

Palabras clave: movimiento zapatista; educación autónoma; lucha indígena; imaginación conceptual; cosmopolítica.

Quando o movimento zapatista ganhou visibilidade internacional, a partir do célebre episódio em que indígenas de diversas comunidades maya desceram das montanhas de Chiapas, no sul do México, e ocuparam sete cidades do estado na noite de 1º de janeiro de 1994, uma experiência concreta de autonomia e um amplo conjunto de saberes e práticas foram apresentados ao mundo. “Somos produto de 500 anos de lutas”¹, anunciava o comunicado do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que circulou naquela noite, intitulado Primeira Declaração da Selva Lacandona. Quinze meses antes do levante, em 12 de outubro de 1992, quando se completaram cinco séculos da conquista das Américas, os zapatistas já haviam realizado um gesto importante: a derrubada da estátua do conquistador espanhol Diego de Mazariegos na cidade de San Cristóbal de las Casas, também em Chiapas.

Fundado em 1983 por um pequeno grupo de militantes oriundos do grupo guerrilheiro Força de Libertação Nacional, o EZLN encontrou eco nos processos de resistência indígena em curso há décadas no estado. E cresceu de maneira imbricada às comunidades locais, que se apropriaram da luta, imprimindo seus modos de ser e fazer. No início dos anos 1990, já eram milhares de integrantes, entre indígenas de várias etnias. Hoje, quatro décadas mais tarde, o movimento zapatista permanece atuante e presente em Chiapas, apesar do recrudescimento da militarização e das investidas frequentes do Estado mexicano na região. Em um contexto de homogeneização e esgotamento das formas de existir sob o capitalismo e de intensa crise ecológica, a experiência duradoura e inspiradora da autonomia zapatista torna-se uma espécie de fenda por onde transitam sonhos e experiências de uma vida mais digna.

O que o movimento zapatista entende por autonomia? A auto-organização social e a prática política territorializada, fora das instituições do Estado, dos rituais eleitorais, dos partidos e da classe política, mas em diálogo com outros movimentos, organizações e coletivos que se identifiquem com a perspectiva anticapitalista e não institucional (cf. Baschet, 2021). Um dos pilares da luta zapatista é a educação autônoma, entendida e vivenciada de uma maneira bastante diferente daquela dos programas educativos tradicionais. Conhecer os princípios que sustentam o longo movimento revela-se fundamental para compreender a alta voltagem política do chamado zapatista à autonomia e à coexistência dos diversos mundos possíveis. Por isso, a publicação de *Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e*



MOREL, Ana Paula.
Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e revolução zapatista.
São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

1. No original: “Somos producto de 500 años de luchas”, ver Declaración de La Selva Lacandona. Disponível em: <https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm>. Acesso em: 03 fev. 2025.

revolução zapatista (2023), da antropóloga e educadora popular Ana Paula Morel, é uma iniciativa a ser celebrada.

Resultado de uma frutífera pesquisa de campo, o livro faz jus às premissas zapatistas, que não separam a educação das demais atividades comunitárias. Assim, para compreender o pensamento pedagógico dos zapatistas, é preciso examinar a relação deles com a terra, a língua, o universo vivo, a saúde, a coletividade etc. Morel entrelaça, então, tanto reflexões sobre os conceitos indígenas mobilizados pelos educadores e educadoras zapatistas quanto vivências concretas e interlocuções teóricas com pesquisadores afins, tecendo um contexto polifônico, polisêmico e *pluriversal*².

Um mundo onde caibam muitos mundos foi precedido por diversos artigos acadêmicos que a autora publicou, ao longo dos anos, sobre questões correlatas e, em especial, pela tese, intitulada *Terra, autonomia e ch'ulel*: aprendizados na educação zapatista, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. O livro é uma adaptação da tese, cujo texto, para tal, passou por condensações e atualizações.

Além do prefácio assinado pelo cientista político Jean Tible e de um texto de apresentação, a obra é composta por quatro capítulos, cada um orientado a um tema-eixo, sem, contudo, “isolá-lo”. São eles: (1) “Autonomia: cuidado próprio de um povo”; (2) Educação autônoma: um caminho para o *Chanel*³; (3) “Espíritos, deuses e o mundo” e (4) “A Terra”. Morel chegou a Chiapas pela primeira vez em fins de 2013 para participar da Escuelita³. Conforme relata, voltou ao México em outras oportunidades a fim de prosseguir com a investigação de campo. No livro, ela tomou uma decisão bastante acertada: assumir uma perspectiva de aprendiz, deixando-se guiar pelos ensinamentos dos educadores e educadoras zapatistas (do povo Tzotzil⁴) – “intelectuais orgânicos”, como Tible afirma no prefácio. Os saberes partilhados por eles oferecem conceitos essenciais para entendermos a filosofia e a cosmologia das comunidades zapatistas.

A “imaginação conceitual” dos educadores e educadoras indígenas constitui, portanto, a base do livro. Para lidar com essa “teoria encarnada” em conformidade com os imperativos do pacto etnográfico apontados por Bruce Albert (1997), Ana Paula Morel mobiliza outros conceitos importantes, tais como rotação de perspectiva (Viveiros de Castro, 1999); perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996);

2. Embora não se detenha no conceito, a autora comenta, logo no início, que trabalhos que abordam o pluriverso – ou pluralismo ontológico – foram inspiradores para seus escritos. Tais trabalhos se baseiam nas discussões trazidas pelo movimento zapatista sobre a diversidade de mundos (Morel, 2023, p. 13).

3. La Escuelita foi uma iniciativa de partilhar a prática do bem viver, a organização coletiva e o cotidiano de resistência das comunidades zapatistas com ativistas, intelectuais e organizações simpáticas do movimento. Os professores e professoras eram indígenas das próprias comunidades; os alunos e alunas foram acolhidos por famílias ou ficaram em alojamentos nos territórios autônomos zapatistas chamados de “caracóis”. La Escuelita aconteceu entre agosto, dezembro e janeiro de 2013 e 2014.

4. O tzotzil é uma das principais línguas maya faladas em Chiapas, como o tzeltal, o chol, o tojolabal, o mam, o mocho e o kakchiquel, entre outras. Segundo a autora, cada língua não corresponde necessariamente a um povo; pode haver diferenças entre os falantes de tzotzil de pontos distintos do estado, por exemplo (Morel, 2023, p. 35-37).

equivocação/tradução equívoca (Viveiros de Castro, 2018[2004]) e proposição cosmopolítica (Stengers, 2018[2007]). Afinal, a educação autônoma está vinculada diretamente com a vida em comunidade e seu contexto: a plantação, a floresta, a “língua verdadeira”, a rede de relações entre humanos e outros-que-humanos, a luta anticapitalista etc. Trata-se de uma “pedagogia integral”, como explica o promotor de educação Emiliano, na qual o aprendizado do tzotzil, por exemplo, não está apartado da vida com a terra ou da produção de alimentos. O *chanel* – a educação verdadeira – implica aprender com o todo que constitui o mundo, a vida. E reconhecer e nomear tudo aquilo que existe.

Os educadores zapatistas não são “professores” na acepção ocidental, profissionais formados ou especializados em preparar e dar aulas, mas integrantes das próprias comunidades indígenas, escolhidos e nomeados em assembleias comunitárias. São chamados de “promotores”, pois assumem a responsabilidade de “fazer mover” o conhecimento – em tzotzil, a palavra usada para denominar o/a educador/a é *jnikesvany*, ou seja, “pessoa que move”. Os promotores fazem reuniões periódicas de formação e preparação, nas quais discutem em conjunto os pensamentos compartilhados nas aulas, guiados por três vertentes: a valorização dos saberes locais; a deliberação sobre os conhecimentos que vêm de fora e a reflexão quanto ao desejado, ao útil e ao necessário à própria autonomia. Se há um princípio pedagógico primordial na educação autônoma, diz a promotora Lupita, é a máxima “hay que caminar preguntando” – em tzotzil, “*Kalal chi xanave skan to jaktik*”.

Morel afirma que as experiências educativas zapatistas apresentam muitos elementos em sintonia com as práticas da educação popular e as reflexões propostas por Paulo Freire e outros nomes importantes, mas em chave de “devoração”, ou seja, tais práticas e reflexões são transformadas pela “imaginação conceitual” indígena e pelos preceitos que regem o cotidiano das comunidades. Isso – revela a autora – pode ser bastante revolucionário, já que estimula a consciência crítica e, sobretudo, um forte senso de coletividade, pois inclui não apenas os demais humanos, mas todas as formas de vida. As escolas autônomas tornam-se, portanto, espaços que se abrem à experimentação de distintas composições entre mundos e à “arte de ter cuidado”, emprestando as palavras de Stengers (2015) citada por Morel.

Essa concepção educativa corrobora um princípio importante do movimento zapatista: não se trata de tomar o poder ou estabelecer

outro poder, mas sim de romper com a lógica dominante (o capitalismo) que impede que outros modos de existir (outros mundos) coexistam ou venham à tona. Por isso, estrutura-se em torno da autonomia dos povos, da luta anticapitalista e, sobretudo, do respeito à “grandeza recíproca do outro” (*ichba il tamuk*). Nas comunidades zapatistas, o Estado não é a fonte normativa, pois o coletivo governa a si mesmo. O Estado, como expressão política do capital, representa a força que desregula e destrói aquilo que é verdadeiro (*bats’i*: a verdade que vem da experiência de um povo em seu território).

Como consequência da opção por uma política autodeterminada, as comunidades zapatistas se encontram sob constante ameaça das institucionalidades estatais. De um lado, são as ações de contrainsurgência do exército mexicano, de paramilitares e de grupos armados associados. De outro, há as políticas assistencialistas do governo que buscam reverter a influência zapatista em Chiapas e insuflar a rivalidade entre os adeptos do movimento e os indígenas *partidistas* (aqueles ligados a partidos políticos). A autora relata também que escolas oficiais com infraestrutura renovada foram construídas em locais próximos aos caracóis zapatistas como um atrativo, por exemplo. Em algumas delas, até são adotados programas bilíngues-biculturais, embora – dizem os zapatistas – a metodologia e os conteúdos mantenham o caráter assimilacionista e homogeneizador.

É interessante destacar que, conforme avançamos na leitura de *Um mundo onde caibam muitos mundos*, temos a sensação de que vamos adentrando na vivência cotidiana de uma comunidade zapatista. É um mérito de Ana Paula Morel conseguir manter a vivacidade do registro de campo em meio ao diálogo com outros teóricos e diversas citações. O texto adquire uma forma espiralar, na qual vários dos conceitos – acompanhados por suas traduções equívocas – aparecem e reaparecem ao longo dos capítulos, refletindo o caráter relacional do pensamento zapatista, que, por sua vez, se constitui dos saberes cosmopolíticos dos povos indígenas de Chiapas. Contudo, como algumas noções vão e vêm, há passagens que soam repetitivas, às quais falta tensionamento crítico ou reflexão aprofundada em torno daquilo que está sendo relatado.

O movimento zapatista não se apresenta como um modelo a ser seguido, mas sim como um *chamado*, uma espécie de convocação, que possa ressoar em cada povo e em cada geografia do planeta segundo as

características locais. Porém, estabelecer comunidades autônomas não significa autossuficiência absoluta das formas estatais ou capitalistas. Como bem assinala Morel, evocando os termos de Rivera Cusicanqui (2021), trata-se de uma coexistência *ch'ixi*, conceito aimará que remete à mistura contraditória de matrizes (a colonial europeia e a indígena) e ao choque de influências contrárias que definem as sociedades latino-americanas. A presença no território e o vínculo com a terra implicam uma relação de pertencimento integral e coletivo, que permite a *bats'i kuslejal*, a “vida verdadeira”. Ser “povo de um lugar”, contudo, não significa afirmar uma identidade essencializada: “O movimento zapatista é predominantemente indígena, mas sem reivindicar uma identidade étnica enquanto Estado” (Morel, 2023, p. 147).

Finda a leitura, ecoam aprendizados estimulantes, a exemplo do exercício pedagógico do *caminhar perguntando*. Algo precioso que a autora reitera em vários momentos é o cuidado que os zapatistas têm com as palavras. Nenhuma fala é displicente, não há retórica vazia. A língua guarda a história dos povos. O indivíduo pertence à língua. Palavras podem adoecer e podem curar. Na artesanaria de *Um mundo onde caibam muitos mundos*, o respeito consciente às palavras zapatistas se faz evidente; trata-se de um texto que nos envolve e nos torna partícipes de algo maior: um projeto autônomo e cosmopolítico.

Referência

ALBERT, Bruce. Situation ethnographique et mouvements ethniques: réflexions sur le terrain post-malinowskien. *In*: AGIER, Michel (org.). **Anthropologues en dangers: l’engagement sur le terrain**. Paris : Jean-Michel Place, 1997. p. 75-88.

BASCHET, Jérôme. **A experiência zapatista**. Rebelião, resistência, autonomia. Trad. Domingos Nunez. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MOREL, Ana Paula. **Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e revolução zapatista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch’ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. Trad. Ana Luiza Braga e Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 edições, 2021.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Trad. Raquel Camargo e Stelio Marras. *In*: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: 04 fev. 2025.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *In*: **Mana**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 115-144, out. 1996. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRn-fM93pSs>. Acesso em: 04 fev. 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Etnologia brasileira. *In*: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré/ ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999. p. 109-223 (Antropologia, v. 1).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada. Trad. Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. *In*: **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 5, n. 10, p. 247-264, ago./dez. 2018. DOI: 10.48074/aceno.v5i10.8341 Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/8341>. Acesso em: 05 fev. 2025.